

OS CURSOS DE TURISMO NO RS: configurações de gênero na docência

MARIA DA GRAÇA GOMES RAMOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

TANIA GARCIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

DALILA ROSA HALLAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

DALILA MÜLLER

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

OS CURSOS DE TURISMO NO RS: configurações de gênero na docência

1. Introdução

As questões de gênero, há décadas são discutidas pela história, pela sociologia pela antropologia, mas faz pouco tempo que se encontra na agenda de discussão da investigação científica em turismo. Inúmeras pesquisas já mostraram que as mulheres no mercado de trabalho ocupam empregos menores aos dos homens e seus salários não são equiparados, inclusive na área de turismo, evidenciando as desigualdades no mundo do trabalho.

Nesse sentido, entende-se que gênero é uma ferramenta poderosa de análise para compreender as complexas formas de interação humana, especialmente no setor ocupacional, pois apesar do grande aumento da participação feminina no mercado de trabalho, não se verificou significativa diminuição das desigualdades entre homens e mulheres.

Ao longo do tempo as mulheres conquistaram espaços e vêm exercendo profissões antes reservadas aos homens. Ampliaram espaços profissionais e conquistaram lugar na Educação Superior, uma esfera, até pouco tempo atrás, predominantemente masculina.

No entanto, verifica-se diversos estereótipos atribuídos aos gêneros que moldam o significado que se atribui às ocupações e às carreiras, pois é comum o entendimento de que há carreiras mais adequadas às mulheres e carreiras propriamente masculinas. Do mesmo modo, o gênero também atua na universidade, onde as mulheres, ainda que presentes em número crescente, não se distribuem de modo uniforme pelas diferentes vocações.

Observa-se nas universidades brasileiras maior presença feminina em número de estudantes, porém não acontece o mesmo, quando se trata da docência, instância de maior prestígio na educação, totalmente diferente da educação básica, onde o número de professoras se sobressai ao dos professores.

Dados do censo da Educação Superior de 2012 (INEP, 2014) mostram um total de 378,939 docentes, nas Instituições de Ensino Superior do Brasil. Desse total, 207.342 são do gênero masculino, 171.597 do gênero feminino.

Dados da OMT - Organización Mundial Del Turismo (2013) em um informe mundial sobre as mulheres no turismo mostra que há uma baixa representação das mesmas como professoras no ensino superior, pois em 113 países estudados, apenas 38% dos professores eram do gênero feminino.

Munar et al. (2015) realizaram um estudo na área de turismo sobre a participação do gênero feminino na esfera acadêmica e utilizaram como indicadores: posição de liderança em revistas acadêmicas, posição de liderança em conferências da academia, membro da Academia Internacional para o Estudo do Turismo e autoria na Enciclopédia do Turismo. Esses pesquisadores constataram que apenas 21% dos editores de revistas científicas no turismo são mulheres e que as mulheres constituem apenas 34% dos membros do comitê científico das conferências e congressos analisados na área. Os resultados da pesquisa indicam que a paridade de gênero é limitada quando se trata do acesso a cargos de maior responsabilidade, visibilidade e tomada de decisão.

É notório que os espaços na educação superior e posteriormente, no mercado de trabalho não são igualitários para mulheres e homens.

A mulher vem ampliando a sua participação no ensino superior e no mercado de trabalho, entretanto, sua trajetória acaba por traduzir-se em opções por carreira distintas, baseadas nas diferenças de sexo, fazendo-se também presente no exercício da docência no interior das IES.

Nesse sentido, na área de turismo percebe-se a falta de dados disponíveis sobre como é o gênero na docência na academia, evidenciando que não sabemos quem somos. Esse fato pode constituir uma barreira para a auto-compreensão e auto-reflexividade da área.

Desse modo este estudo representa um esforço de mapear e discutir a presença do gênero feminino na docência do ensino superior em turismo no Rio Grande do Sul.

2. Ensino Superior em Turismo e Relações de Gênero

Acredita-se que o ensino superior é uma instância privilegiada para examinar a formação destinada à mulher assim como a sua escolha profissional.

Tem se observado no campo da educação superior que a discriminação do gênero feminino já não se refere mais ao impedimento a seu acesso, mas sim ao processo de escolha das carreiras profissionais.

Existe oportunidades de acesso ao ensino superior para ambos os sexos, porém as preferências naturalizadas de homens e mulheres por determinadas profissões e áreas do conhecimento são evidentes. É como se homens e mulheres procurassem a área de atuação que corresponda ao que se estabelece como o esperado para cada um dos gêneros.

Segundo Bourdieu (1998), no acesso ao ensino superior reflete-se o resultado de uma seleção que, ao longo da escolaridade, tem peso desigual sobre os sujeitos, dependendo de sua classe, gênero, raça.

Há uma divisão sexista por áreas do conhecimento no ensino superior, que foram se constituindo entre o que se convencionou chamar de áreas mais “femininas”, concentradas nas ciências das Linguagens e Artes e em vários cursos da área das Ciências Médicas e da Saúde, e aquelas, ditas “masculinas”, mais presentes nas ciências das Engenharias e Computação (RISTOFF et al., 2007).

Neste cenário, que sinaliza para a tendência das mulheres escolherem carreiras ditas “femininas”, tem-se como consequência o aprofundamento da estratificação por gênero que reduz o efeito democratizador do acesso das mulheres ao ensino universitário.

O mundo acadêmico experimentou grandes mudanças nas últimas décadas como o processo de globalização e internacionalização do ensino superior, expansão da padronização da qualidade e políticas neoliberais, revolução digital entre outras, no entanto, os padrões de gênero na academia e na ciência têm se mostrado altamente persistentes e resistentes a mudanças. Percebe-se segregações de gênero horizontais, verticais que continuam a caracterizar a força de trabalho acadêmica e científica. Os homens permanecem super representados entre aqueles que definem as agendas acadêmicas e de pesquisa, nas redes de pesquisa, mostrando a presença de padrões de gênero neste universo.

Barcia e Ricaurte-Quijano (2016) em estudo realizado em instituições de ensino do turismo no Equador verificaram que 100% dos presidentes de congressos são representados por professores pesquisadores, que os homens representam 55% dos comitês organizadores de congressos ou similares, assim como representam 59% dos comitês científicos e 72% dos palestrantes principais dos eventos científicos. Apenas na categoria de apresentadores de trabalhos as mulheres aparecem em maioria alcançando 52% de participação.

No entanto essa mesma investigação de Barcia e Ricaurte-Quijano (2016) apontou uma alta participação das mulheres em projetos de pesquisa em turismo evidenciando que 67% das pesquisas desenvolvidas nas instituições de ensino superior estudadas são realizadas por estudantes do gênero feminino e professoras pesquisadoras. Desse modo, embora exista uma significativa de

mulheres pesquisadoras em turismo, isso não se reflete proporcionalmente na participação das mesmas em comitês científicos e como palestrantes principais nos eventos da área.

Nesse sentido os resultados de Barcia e Ricaurte-Quijano (2016) vão ao encontro dos estudos de Monroe et al. (2008) e Munar et al. (2015) que mostram no turismo que a maior parte do trabalho de pesquisa é realizado por mulheres, porém as posições de liderança e maior visibilidade no trabalho científico são ocupadas por homens.

Esses dados de pesquisas indicam que, mesmo quando existe pesquisadoras femininas suficientes, o patamar que as mulheres alcançam em posições de liderança em congressos científicos, na condição de presidente ou como principal palestrante, não reflete uma participação igualitária ao gênero masculino.

Observa-se portanto que crenças desenvolvidas dentro da sociedade, reproduzidas de geração em geração, enraizadas em estruturas sociais não permitem que pessoas distingam a presença dos estereótipos de gênero e portanto aquilo que é aprendido, torna-se como algo natural.

Valian (2004) analisou como a sociedade transmite os estereótipos que as mulheres vão assimilando desde a infância e que irão se refletir nas carreiras profissionais escolhidas, assim como na percepção que têm a respeito de que as posições de liderança e prestígio são destinadas aos homens. Para Valian (2004), as mulheres internalizam concepções sobre não merecerem determinadas posições ou melhores salários, o que se reflete negativamente no seu sucesso profissional nos espaços acadêmicos e de ensino.

Barcia e Ricaurte-Quijano (2016) argumentam a partir do estudo realizado que, embora seja maior o percentual de mulheres que estudam e se formam na carreira do turismo, em relação aos estudantes do sexo masculino, é mais provável um estudante do sexo masculino tornar-se um docente do que uma aluna, evidenciando diferenças de gênero em instituições de ensino superior.

É fato que o gênero tem sido acionado para marcar diferenças entre homens e mulheres na sociedade e vem representando uma dimensão importante na estruturação das desigualdades sociais, utilizado como critério para definir lugares para indivíduos e grupos na estrutura social.

Segundo Scott (1995, p.75) :

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as "construções sociais" a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens (...).

Pode-se dizer que muitas vezes a escolha da carreira profissional é feita por causa de pressão social, definida por alternativas estereotipadas, de carreiras ligadas ao historicamente doméstico para as mulheres e o mundo exterior para os homens. Muitas vezes, esta última escolha também está relacionada à possibilidade de acesso a empregos mais bem remunerados e mais socialmente reconhecidos.

Dados revelam que no Brasil, as mulheres são grande parte dos estudantes de nível superior. Segundo Costa, Duraes e Abreu (2010) as mulheres ocupam em vários cursos universitários metade das vagas oferecidas. Segundo as autoras, no Censo de 2000 entre os profissionais com diploma universitário, 61,7% eram mulheres.

É certo que as mulheres estão ampliando a sua presença no ensino superior brasileiro, no entanto, esta crescente participação feminina não ocorre na mesma intensidade comparada à presença masculina em determinadas áreas, como por exemplo nas ciências das Engenharias e Computação.

Observa-se que há uma diminuição de prestígio à medida que uma carreira profissional se caracteriza como carreira feminina. Um exemplo foi a feminização do magistério, que provocou uma diminuição de prestígio à proporção que um maior número de mulheres ingressou nessa atividade, e, conseqüentemente, ocorreu uma diminuição do salário.

No que se refere ao mercado de trabalho, Purcell (2004) afirma que a probabilidade de mulheres estarem em empregos de salários baixos é duas vezes maior do que a dos homens e que os baixos salários se concentram em setores numericamente dominados por mulheres, tais como o varejo e a hotelaria.

Em áreas relacionadas ao turismo e hospitalidade verifica-se que muitos dos empregos são historicamente considerados eminentemente femininos como os de camareiras, copeiras, cozinheira e recepcionistas, nos quais os salários não são elevados.

Para Scott (1995) gênero é um saber e, entendendo que saber e poder nunca estão dissociados, gênero é uma forma primária de dar sentido às relações de poder.

Monroe et al. (2008), em estudo em uma universidade da Califórnia, verificou que há paridade de gênero em posições operacionais, enquanto que a disparidade de gênero aparece na tomada de decisões e nas melhores posições salariais.

Rodríguez-de Romo (2008) observou através de dados do Sistema Nacional de Pesquisa do México que apenas 11,5% dos pesquisadores registrados eram mulheres.

É fato que a inserção maciça das mulheres no mercado de trabalho remunerado e o inegável paradigma da divisão sexual do trabalho tem provocado muito o debate acerca do trabalho da mulher nos espaços reconhecidos como público e privado.

No âmbito da educação, entende-se que em sala de aula, existe diferenças entre ser mulher-professora ou ser homem-professor, uma vez que é impossível desvincular-se do gênero, pois, independentemente de ser homem ou mulher, não se pode deixar para trás nossa história, formação e sexualidade. Tudo isso faz parte da construção histórica do indivíduo.

Barcia e Quijano (2016) em estudo realizado em quatro instituições de educação superior do Equador, apontam que na academia na área de turismo, como em outros ramos do conhecimento, há desigualdades entre homens e mulheres em questões salariais, oportunidades de desenvolvimento profissional, assim como na participação feminina em postos de liderança.

Tendo presente as considerações a respeito dos espaços destinados a homens e mulheres na esfera pública, apresenta-se a seguir os procedimentos adotados ao longo deste estudo e os resultados obtidos sobre a presença do gênero feminino no exercício da docência nos Cursos Superiores de Turismo do Rio Grande do Sul.

3. Procedimentos Metodológicos

Este estudo trabalhou com dados de docentes de 15 cursos presenciais de Turismo do Rio Grande do Sul, pertencentes às instituições públicas e privadas. Fizeram parte desta investigação os cursos de turismo das seguintes instituições: Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Universidade do Vale do Taquari de Ensino Superior (UNIVATES); Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT); Universidade de Caxias do Sul (UCS); Centro Universitário Franciscano (UNIFRA); Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Centro Universitário La Salle (UNILASALLE); Centro Universitário Metodista (IPA); Universidade FEEVALE (FEEVALE); Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Faculdade de Tecnologia La Salle Estrela (FACSALE), Faculdade de Getúlio Vargas (faculdade IDEAU) e Faculdade de Integração do

Ensino Superior do Cone Sul (FISUL). Os cursos de turismo foram identificados através do sistema informatizado e-MEC/INEP (Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). Para se chegar aos docentes, foi consultado o Website dos cursos presenciais de turismo do RS em atividade no ano de 2016. A partir da identificação dos docentes, tomou-se como fonte de informações os Currículos Lattes dos mesmos, disponibilizados na *Plataforma Lattes* do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Foram analisados 175 currículos Lattes de docentes, dos quais 48 pertencentes as instituições públicas e 127 as instituições privadas.

4. Resultados

Apresentamos a seguir os principais resultados obtidos no estudo, a partir dos dados levantados junto ao currículo lattes dos professores pertencentes a 15 cursos de Turismo do Rio Grande do Sul.

Tabela 1. Gênero dos Docentes dos Cursos de Turismo de IES Públicas e Privadas do RS.

Tipo de IES	Gênero Feminino		Gênero Masculino		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Pública	31	64,6	17	35,4	48	100
Privada	64	50,4	63	49,6	127	100
Total	95	54,3	80	45,7	175	100

Fonte: pesquisa direta, 2016

Os dados contidos na tabela 1, mostram que dos 175 docentes estudados, 48 (27,4%) pertencem às instituições de ensino superior públicas e 127 (72,6%), fazem parte de instituições privadas. Desse universo de 175 docentes, 95 (54,3%) são do gênero feminino e 80 (45,7%) do gênero masculino, evidenciando um predomínio de mulheres em relação aos homens nesse universo de análise. Entretanto, se for analisado a questão de gênero a partir da natureza das instituições de ensino, veremos que dos 48 docentes pertencentes aos 5 cursos das IES públicas, 31 (64,6%) são do gênero feminino, e 17 (35,4%) do masculino. Esses dados mostram a prevalência de mulheres no exercício da docência nos cursos superiores de turismo das IES públicas, chegando quase ao dobro do número de homens. No caso dos 127 docentes dos 10 cursos de turismo das IES privadas, observa-se um certo equilíbrio entre o número de homens 63 (49,6%) e de mulheres 64 (50,4%) no exercício da docência.

Os dados encontrados neste estudo vão ao encontro das posições dos teóricos revisados no sentido de que a discriminação no campo educacional não se refere mais ao acesso, mas sim ao processo de escolha da carreira profissional. As preferências naturalizadas de mulheres por determinadas profissões e áreas do conhecimento são evidentes, indo ao encontro da posição de Ristoff (2007) de que homens e mulheres tendem a buscar a área de atuação que confirme a sua vocação, a partir do que foi estabelecido a cada um dos sexos. Segundo o autor, processo este, iniciado na infância, a partir da família e depois escola, quando meninas e meninos são orientados para objetos de interesse distintos, que reforçam o processo de preparação para os papéis que serão assumidos na vida adulta.

Tabela 2. Docentes com formação na área de Turismo em IES Públicas e Privadas do RS.

Tipo de IES	Docentes com formação na área		Docentes sem formação na área		Total de Docentes	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Pública	30	62,5	18	37,5	48	100
Privada	25	19,7	102	80,3	127	100
Total	55	31,4	120	68,6	175	100

Fonte: pesquisa direta,2016

Ao se direcionar o olhar para a formação acadêmica em nível de graduação ou de pós-graduação dos docentes dos Cursos de Turismo estudados, observa-se conforme a tabela 2, que do total de 48 docentes das IES públicas, 30 (62,5%) tem graduação ou pós-graduação na área de turismo. No que se refere às IES privadas do total de 127 professores participantes do estudo, apenas 25 (19,7%) tem formação na área. Examinando-se de maneira geral os dados referentes a formação acadêmica dos 175 docentes dos cursos de turismo, verifica-se que 55 docentes (31,4%) possuem formação na área de turismo, seja na graduação ou na pós-graduação. Deste universo de 55 docentes, 30 o que representa (54,5%) estão nas IES públicas e 25 (45,5%) nas IES privadas, evidenciando que proporcionalmente, os cursos de turismo das IES públicas têm a maioria dos docentes com formação na área. Os (68,6%) dos demais participantes do estudo apresentam diversas formações, entre elas educação, comunicação social, letras, história, ciências sociais, as quais também se caracterizam como áreas de atração e preferência do gênero feminino.

Esses resultados encontrados vão ao encontro de Barreto (2014) que aponta que geralmente, as mulheres estão em maioria nas áreas que apresentam características socialmente consideradas mais femininas, como nas carreiras de Educação, Saúde e Bem-Estar Social, Serviços, Humanidades e Artes.

Tabela 3. Gênero dos Docentes com Formação na Área de Turismo em IES Públicas e Privadas do RS.

Tipo de IES	Docente Feminino com formação na área		Docente Masculino com formação na área		Total com formação na área	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Pública	24	80	6	20	30	100
Privada	18	72	7	28	25	100
Total	42	76,4	13	23,6	55	100

Fonte: pesquisa direta,2016

Conforme verifica-se na tabela 3, com relação a questão de gênero 42 (76,4%) dos docentes que têm formação na área de turismo, seja na graduação ou na pós-graduação stricto sensu, são do gênero feminino e 13 (23,6%) são do gênero masculino. Nas IES públicas do total de 30 docentes com formação na área 24 (80%) são do gênero feminino e 6 (20%) do gênero masculino, mostrando a prevalência da formação na área de turismo nas mulheres docentes destas instituições. Do mesmo modo, nas IES privadas também a maioria dos docentes 18 (72%) que têm formação na área de turismo, são do gênero feminino e apenas 7 (28%) são do gênero masculino.

Esses dados obtidos vão ao encontro da posição de Bourdieu (1999) ao colocar que as mudanças na condição feminina seguem a lógica do modelo tradicional entre o masculino e o feminino, pois a inserção feminina no espaço público segue extensões da esfera privada ao exercer profissões como por exemplo relacionadas aos serviços sociais, educativos entre outros.

Desse modo, a área de turismo parece enquadrar-se no que se convencionou chamar de áreas mais “femininas”, associadas com as ciências das Linguagens e Artes e em vários cursos da área das Ciências Médicas e da Saúde.

5. Considerações Finais

A partir dos autores que iluminaram o nosso olhar ao longo do estudo verificou-se que o conceito de gênero busca explicar a existência de papéis sociais desiguais, distintos e hierárquicos entre homem e mulher. A diferenciação entre os papéis masculinos e femininos se reproduz em vários contextos e permanece no mercado de trabalho, onde encontra-se estereótipos de profissões “masculinas” e “femininas”, essas últimas, em geral, com menor prestígio e mais baixa remuneração.

No que diz respeito aos dados encontrados pela investigação, os mesmos vão ao encontro de que estereótipos sociais de gênero têm produzido entendimentos que mulheres tem melhor desempenho em certos nichos do mercado de trabalho, que estejam de acordo com a sua natureza e com os padrões aceitos socialmente. Nesse sentido, acredita-se que um desses nichos é a área de turismo, no caso em questão, o ensino superior em turismo.

Os resultados obtidos, apresentam um predomínio do gênero feminino no exercício da docência nos cursos superiores de turismo do Rio Grande do Sul, mostrando-se mais predominante nos cursos pertencentes as instituições públicas. Foi possível observar também, que a formação acadêmica na área de turismo predomina nos docentes do gênero feminino, sinalizando na perspectiva que a área de turismo tem características femininas.

Do ponto de vista da questão de gênero, entende-se que foi importante visitar a esfera do ensino superior, no que concerne à docência nos cursos de turismo do RS, entre outros motivos, porque esta instância evidenciou aspectos daquilo que se estabeleceu como o esperado para o gênero feminino, mostrando que as diferenças de sexo também se refletem no interior das IES, entre os profissionais do ensino.

Por fim, entende-se que o predomínio da presença feminina na docência dos cursos superiores de turismo do Rio Grande do Sul, retrata aspectos de herança cultural, questões históricas e de gênero, firmados há décadas, mas também é resultado das lutas ao longo do tempo, que marcaram o ser, o pensar e o agir feminino.

Referências

BARCIA, Johanna B.; RICAURTE-QUIJANO, Carla. Mujeres en Turismo: equidad de género en la docencia e investigación en el área de Guayaquil, Ecuador. **Estudios y Perspectivas en Turismo** Volume 25 (3) 2016) pp 255-278

BARRETO, Andreia. A Mulher no Ensino Superior: distribuição e representatividade. **Cadernos do GEA**, Rio de Janeiro, n.6 p 7-46, jul/dez. 2014

BOURDIEU, Pierre. **Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1999.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, vol.37 n.132 Sept./Dec. 2007

COSTA, Simone Melo; DURAES, Sarah Jane Alves; ABREU, Mauro Henrique Nogueira Guimarães (2010). Feminização do curso de odontologia da Universidade Estadual de Montes Claros. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 15(1), jun 2010. pp.1865-1873. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000700100>. Acesso em 25 de maio de 2018.

INEP. **Censo da educação superior: 2012** – resumo técnico. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2014.

MONROE, et al. Gender Equality in Academia: bad news from the trenches, and some possible solutions. **Perspectives on Politics**. Jun. 2008 vol. 6(2) pp. 215-233 disponível em: <https://doi.org/10.1017/51537592708080572>. Acesso em 30 de maio de 2018.

MUNAR, A.M. et. al. **The Gender Gap in the Tourism Academy**: Statistics and Indicators of Gender Equality. While Waiting for the Dawn. Copenhagen, April ,2015. Disponível em: <http://www.tourismeducationfutures.org/about-tefi/gender-equity-in-the-tourism-ac>. Acesso em 6 de junho de 2018

PURCELL, Kate. Gênero e insegurança no trabalho no Reino Unido. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 12 (2), pp.147-176, maio/ago/2004.

OMT- Organización Mundial Del Turismo. **Informe Mundial sobre las Mujeres en el Turismo 2010**. Madrid, 2013. Disponível em: <http://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284414789>. Acesso em 01 de junho de 2018

RISTOFF, Dilvo, et al (Orgs.) **A Mulher na Educação Superior Brasileira: 1991-2005**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/INEP, 2007.

RODRIGUEZ-DE ROMO, A. C. (2008) Las mujeres en la Academia Nacional de Medicina de México: análisis de su inserción y ubicación en la élite médica. **Gaceta médica de México** 144(3): 265-270

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, 20(2), 1995.

VALIAN, Virginia. Beyond gender schemas: Improving the advancement of women in academia. **NWSA Journal** 16 (1) pp.207-220, 2004.